iterLEX

Errar Primeiro

Como estudar por questões e lembrar na hora da prova

por Jônatas Dias Romero, procurador do Estado e criador do IterLex

Um guia curto e honesto sobre o jeito de estudar que sobrevive à pressão da prova. Sem fórmula mágica, sem promessa de aprovação em 90 dias. Só o que a ciência da memória já sabe há um século e quase ninguém (do Direito) aplica.

iterlex.com.br

Antes de começar

Uma ironia que eu preciso confessar antes de tudo: construí uma plataforma inteira pra te tirar da leitura passiva, e a primeira coisa que te entrego é um PDF pra ler. Prometo que é o único que vou te pedir. Depois deste, o combinado é você resolver questões.

Passei tempo demais estudando do jeito errado. Lia o PDF inteiro, sublinhava com três cores, montava resumos lindos, relia o resumo, me sentia preparado. Aí abria a prova e travava. O conteúdo estava lá em algum lugar, mas não vinha quando eu precisava. Levei tempo pra entender que o problema não era falta de esforço. Era o *tipo* de esforço.

O que virou a chave foi parar de tratar a questão como um teste do que eu já sabia e começar a tratá-la como o próprio ato de aprender. Este ebook é isso, destrinchado: por que estudar resolvendo questões funciona, o que a pesquisa em ciência cognitiva mostra sobre memória, e como transformar isso numa rotina que cabe na sua semana.

Não é opinião de cursinho. Cada capítulo se apoia em estudos que você pode conferir no fim. Se no meio do caminho parecer que estou descrevendo o IterLex, é porque construí a plataforma exatamente sobre estes princípios. Mas o método vale mesmo sem ela.

Tem uma coisa que me incomoda no mercado de concursos jurídicos: quase tudo que se ensina sobre *como* estudar é anedota. Alguém passou, deu certo com ele, virou método. "Eu fiz assim, então faça igual."

Isso não é método, é história. Método é o que sobreviveu a teste, com amostra e controle, e é reproduzível por quem não é você. Essa literatura existe há mais de um século em ciência cognitiva, e quase não atravessa a fronteira do Direito. É a lacuna que este ebook tenta fechar, e é a razão pela qual construí o IterLex.

CAPÍTULO 1

A ilusão do estudo passivo

Reler e sublinhar são as técnicas de estudo mais populares do mundo. Também estão entre as menos eficazes. Uma revisão ampla das estratégias de estudo, conduzida por Dunlosky e colegas (2013), classificou reler e grifar como de **baixa utilidade**, e a prática de responder (testar-se) e a revisão espaçada como de **alta utilidade**. A distância entre o que as pessoas fazem e o que funciona é enorme.

O problema da leitura passiva é que ela produz uma sensação perigosa: a **fluência**. Quando você relê um trecho pela terceira vez, ele fica fácil, familiar, e o cérebro interpreta esse conforto como domínio. Não é. Reconhecer um texto ("já vi isso") é diferente de recuperar a informação do zero ("sei responder"). A prova cobra a segunda coisa, e a leitura passiva treina a primeira.

Karpicke, Butler e Roediger (2009) perguntaram a estudantes universitários como eles estudavam. A maioria relia. Quase ninguém se testava por conta própria, e os que se testavam o faziam apenas para checar se já tinham decorado, não como forma de aprender. Ou seja: a intuição da maioria aponta para o método mais fraco.

A virada começa aqui: desconfie do conforto. Se o estudo está confortável, provavelmente você está reconhecendo, não aprendendo.

CAPÍTULO 2

A questão é o conteúdo

Este é o princípio central, e o mais contraintuitivo: **o ato de tentar responder ensina mais do que reler a resposta.** Os pesquisadores chamam isso de efeito de teste (ou aprendizagem por recuperação).

O experimento clássico é de Roediger e Karpicke (2006). Estudantes leram textos e depois foram divididos: um grupo releu o texto, o outro fez um teste de recuperação (tentou lembrar sem olhar). No curtíssimo prazo, quem releu se saiu um pouco melhor e se sentia mais confiante. Mas numa prova aplicada uma semana depois, o grupo que tinha se testado lembrava muito mais. O esforço de puxar a informação da memória, mesmo com dificuldade, é o que fixa.

Karpicke e Roediger (2008) foram além e mostraram, na revista *Science*, que recuperar ativamente uma informação é o que sustenta a memória a longo prazo, mais do que estudar de novo. Recuperar não é medir o aprendizado. **Recuperar é o aprendizado.**

Faz sentido pensar no que a prova realmente exige. Ninguém te pede pra reconhecer um artigo de lei numa lista. Te pedem pra recuperar a regra certa, sob pressão, sem consulta. Estudar por questões é ensaiar exatamente esse movimento, todos os dias, muito antes do dia da prova.

CAPÍTULO 3

Errar de propósito

Aqui a maioria trava por medo: "não faz sentido eu tentar responder uma questão de um assunto que ainda não estudei, vou errar tudo". Errar é exatamente o ponto.

Kornell, Hays e Bjork (2009) mostraram que tentativas de recuperação **malsucedidas**, ou seja, errar antes de saber a resposta, melhoram o aprendizado posterior daquele conteúdo, desde que venha um retorno logo depois. O erro gera uma pergunta na sua cabeça, e o cérebro fica muito mais receptivo à resposta certa quando ela chega. É o chamado efeito de pré-teste.

Metcalfe (2017), numa revisão sobre aprender com erros, chega à mesma conclusão: errar com esforço genuíno, seguido de correção, produz aprendizado mais forte do que simplesmente estudar a resposta certa desde o início. A condição é o feedback. Erro sem correção é só erro. Erro com correção imediata é combustível.

Traduzindo pra sua rotina: você não precisa "estar pronto" pra começar a resolver questões de um tema. Você fica pronto **resolvendo**. A ordem que a intuição pede (ler tudo, depois testar) é o inverso do que funciona. Tente primeiro, erre, leia a explicação com a dúvida ainda quente. Vai fixar de um jeito que a leitura antecipada nunca alcança.

CAPÍTULO 4

Misturar para fixar

A tentação é estudar em blocos: uma semana só de Constitucional, depois uma semana só de Administrativo, esgotando cada matéria antes de passar pra próxima. Parece organizado. Rende menos.

Rohrer e Taylor (2007) fizeram estudantes praticarem problemas de matemática de dois jeitos: em blocos (todos do mesmo tipo juntos) ou intercalados (tipos misturados). Quem praticou em blocos foi melhor durante a prática. Mas no teste final, dias depois, quem **intercalou** acertou muito mais. Kornell e Bjork (2008) encontraram o mesmo ao ensinar pessoas a reconhecer o estilo de diferentes pintores: misturar os exemplos venceu agrupá-los, embora os participantes jurassem que agrupar tinha ajudado mais.

Por que o que parece pior funciona melhor? Porque alternar te obriga, a cada questão, a **identificar** de qual assunto se trata antes de resolver, que é justamente o que a prova exige. Estudar em bloco te deixa no piloto automático: você já sabe que a próxima questão é do mesmo tema. **A prova não avisa.**

Alternar é desconfortável e parece mais lento. Esse desconforto tem nome na ciência do aprendizado, a **dificuldade desejável**, e é justamente o esforço a mais que consolida a memória a longo prazo.

CAPÍTULO 5

O comentário que ensina

Resolver questão sem entender por que errou é malhar sem técnica: cansa e machuca. O que transforma o erro em aprendizado é o **feedback**, e a qualidade dele importa mais do que a quantidade de questões.

Hattie e Timperley (2007), numa das sínteses mais citadas da educação, mostraram que o feedback é um dos fatores de maior impacto no aprendizado, mas só quando é específico: não basta dizer "errado", tem que explicar o porquê e apontar o caminho certo. Butler, Karpicke e Roediger (2007) mostraram que combinar recuperação com feedback corretivo supera qualquer um dos dois isolados.

Na prática do concurseiro, isso significa que **o gabarito seco não ensina quase nada**. O que ensina é o comentário que fundamenta a resposta na lei, na súmula, na jurisprudência, e explica por que cada alternativa errada é uma armadilha. Um bom comentário depois de cada questão, lido no instante em que a dúvida ainda está viva, é onde o aprendizado de verdade acontece.

Foi por isso que, no IterLex, o comentário não é acessório. Ele é o conteúdo. Cada questão vem com uma explicação gerada com apoio de inteligência artificial, sempre ancorada em fontes jurídicas reais.

CAPÍTULO 6

Revisar na hora certa

Em 1885, Hermann Ebbinghaus mediu a própria memória e desenhou a curva do esquecimento: esquecemos rápido logo após aprender, e o esquecimento desacelera com o tempo. A descoberta prática que veio depois é o que interessa: revisar **espaçadamente**, com intervalos crescentes, é muito mais eficiente do que revisar tudo de uma vez.

Cepeda e colegas (2006) reuniram décadas de estudos e confirmaram: para a mesma quantidade total de estudo, espalhar as revisões no tempo bate concentrá-las, com folga. Rever um assunto hoje, depois em três dias, depois em uma semana, depois em duas, consolida mais do que revisar cinco vezes na mesma tarde.

E tem um detalhe fino: a revisão rende mais quando é feita **um pouco antes** de você esquecer, no ponto em que puxar a informação exige esforço, mas ainda é possível. Robert e Elizabeth Bjork (2011) chamam isso de dificuldade desejável. O esforço da recuperação difícil é o que fortalece a memória. Revisar cedo demais, quando ainda está fresco, é quase inútil. Revisar tarde demais, quando já esqueceu tudo, é recomeçar.

O problema é que ninguém consegue calcular, de cabeça, o dia certo de rever cada um dos milhares de pontos que um concurso cobra. É trabalho de máquina. Algoritmos de repetição espaçada existem exatamente pra isso: agendam cada revisão no momento de maior retorno. Você só responde.

CAPÍTULO 7

A lei seca é o teste, não a leitura

Carreira jurídica tem uma cobrança que quase nenhuma outra tem: a literalidade. Prazo, quórum, percentual, competência, rol taxativo. A banca nem sempre quer que você entenda o instituto. Às vezes ela quer apenas que você saiba se são cinco ou dez dias. E isso muda o jeito certo de estudar o texto legal.

O erro mais comum é tratar o vade mecum como livro: ler o capítulo inteiro, grifar o que parece importante, seguir em frente. É o capítulo 1 outra vez, com capa dura. Você termina a leitura com a sensação de ter passado por tudo e não recupera nada sob pressão, porque nunca tentou recuperar.

A correção é a mesma que vale pro resto: transforme o dispositivo em pergunta. Leia o artigo uma vez, feche, e tente dizer em voz alta o que ele exige. Onde travou é onde você não sabia, e é só isso que merece virar flashcard. O que você recuperou inteiro não precisa de mais nada.

A segunda correção é de escopo. A legislação de um edital é grande demais pra ser decorada por inteiro, e tentar isso é a receita do abandono. O filtro honesto é a prova: **estude com prioridade o dispositivo que já foi cobrado.** Um artigo que aparece em toda prova vale mais tempo do que dez artigos que nunca apareceram, por mais elegantes que sejam.

E tem um detalhe que separa o estudo útil do decoreba burro: **nem tudo num dispositivo merece ser memorizado literalmente.** Quando a armadilha da banca é o número, o número é o que você treina. Quando a armadilha é conceitual (o crime é formal, a competência é concorrente, a exceção não se aplica àquele caso), decorar o prazo que estava na mesma linha é jogar tempo fora. Antes de memorizar, pergunte: **o que erra quem não sabe isso?** Treine aquilo.

CAPÍTULO 8

O dilema dos flashcards

Se recuperação ativa e repetição espaçada são os dois motores da memória, o flashcard é a ferramenta que junta os dois num gesto só. Você olha a frente, tenta lembrar, avalia como foi, e o cartão volta no intervalo certo. É, disparado, o instrumento mais eficiente que existe pra fixar um volume grande de conteúdo. E concurso é volume.

Eu fazia os meus na mão. Cada questão que eu errava, ou que me deixava em dúvida mesmo tendo acertado, virava um cartão: a pergunta de um lado, a resposta fundamentada do outro. Funcionava. O problema era o preço.

Porque o flashcard tem uma armadilha que ninguém conta. Ele dá trabalho pra fazer e, muito pior, **ele acumula**. Você cria centenas numa semana boa de estudo, e um mês depois tem milhares de cartões vencidos te esperando. O baralho atrasado vira uma dívida que só cresce, e olhar pra ele dá desânimo. É por isso que tanta gente começa animada com flashcards e larga em um mês: não foi o método que falhou, foi o acúmulo que assustou.

Repare que os dois problemas, o trabalho de criar e o medo do acúmulo, não têm nada a ver com o poder do flashcard. São problemas de **manutenção**, e manutenção é exatamente o tipo de coisa que uma máquina faz melhor que você.

Eu usei o Brainscape. Muitos usam o Anki, e até mesmo compram pacotes de flashcards já feitos. Isso eu não recomendo. O flashcard é mais útil quando ele diz respeito à sua própria necessidade.

No IterLex, eles são gerados automaticamente a partir das dúvidas captadas nas questões e seguem um algoritmo que não te penaliza com acúmulo.

CAPÍTULO 9

Dados, não sensação

Você é péssimo pra avaliar o próprio conhecimento. Não é ofensa, é como o cérebro funciona. Dunlosky e colegas documentaram o quanto a nossa percepção de domínio descola do domínio real, e a leitura passiva é a maior fabricante dessa ilusão: quanto mais você relê, mais confiante fica, e menos isso corresponde ao que você lembraria na prova.

O antídoto é medir. Não "eu acho que vou bem em Administrativo", mas "acerto 58% das questões de responsabilidade civil do Estado e 82% das de licitação". Dado. A questão respondida é a única medida honesta do que você sabe, porque não dá pra enganar: ou você acertou, ou não.

E aqui está o ganho escondido de estudar por questões: além de ensinar, ele **diagnostica**. Cada resposta é um dado sobre o seu ponto fraco real, não sobre o ponto fraco que você imagina ter. Um sistema que registra isso consegue te levar de volta exatamente ao que você erra, na hora certa, em vez de você gastar energia revisando o que já domina, que é o que a sensação de insegurança sempre manda fazer.

Estude pelo que os dados dizem, não pelo que a ansiedade sugere.

CAPÍTULO 10

Ataque o que você evita

Todo concurseiro tem uma matéria que empurra com a barriga. Direito Empresarial, Tributário, alguma que acha chata ou difícil e que, por isso, vira sempre a última da fila. O resultado é previsível: você fica cada vez melhor no que já gostava e cada vez mais exposto no que sempre evitou. A prova não pergunta se você gosta.

Duas ideias corrigem isso.

A primeira é estudar pelo **peso da disciplina**, não pela sua preferência. Concurso não distribui pontos por igual: certas matérias caem muito mais que outras, e o edital diz quais. Uma matéria de peso alto que você evita é ponto que você está deixando na mesa por gosto pessoal. Alocar o seu tempo na proporção do que cai, e não do que agrada, é a decisão estratégica mais básica e também a mais ignorada.

A segunda é a matemática do rendimento marginal. **É muito mais fácil subir uma matéria de 50% para 70% de acerto do que de 70% para 80%.** Os primeiros acertos vêm dos erros grosseiros, dos conceitos que você simplesmente não viu, e corrigir isso é rápido. Refinar do bom para o ótimo exige um esforço desproporcional. Cada hora investida no seu ponto fraco rende mais pontos do que a mesma hora reforçando o que você já domina. Estudar aquilo em que você já é bom é confortável e quase inútil.

Junte as duas: ataque as matérias de peso alto onde você vai mal. É ali que está a maior parte dos pontos que faltam pra sua aprovação, e é exatamente o lugar que a sua zona de conforto manda evitar. Ter a mentalidade certa é isso: o objetivo não é se sentir bem estudando, é somar pontos na prova.

O problema, de novo, é a disciplina de fazer isso quando o cansaço bate e a matéria chata está na frente. Um sistema que decide por você, que traz Empresarial na dose certa mesmo você torcendo o nariz, tira da sua frente a negociação diária com a própria preguiça. Você não precisa ter vontade. Só precisa aparecer.

CAPÍTULO 11

Na prática

Até aqui foi o porquê. Agora o como, na ordem em que você monta a rotina: quanto tempo, como dividir esse tempo, como tratar cada questão, como revisar e o que fazer com a jurisprudência. O que eu sugeriria, se fosse começar hoje: **de 50% a 70% do seu tempo resolvendo questões, e o restante em flashcards e jurisprudência.**

A faixa é larga de propósito, porque o ponto certo dentro dela muda com a sua fase. No começo, com poucos cartões acumulados, você fica perto dos 70% e sobra tempo pra jurisprudência. Um ano depois o baralho puxa quase tudo, e você desce pros 50%. Isso não é perda: revisar o que já entrou vale tanto quanto ver conteúdo novo. O que não muda é a questão continuar sendo o eixo, do primeiro dia ao último.

Quantas horas por dia?

O primeiro passo não é abrir o edital, é ser honesto sobre quanto tempo você realmente tem, numa perspectiva de anos. E aqui mora a armadilha: se você tem seis horas livres por dia, não vai ocupar as seis com estudo. Você até aguenta por algumas semanas, mas não por três, quatro anos, que é o que um concurso de alto nível costuma exigir. A conta não é "quanto consigo hoje", é "quanto consigo sustentar até passar".

Repare num padrão: **quanto mais ineficiente o método que te vendem, mais vendem junto um discurso de renúncia extrema** para fazê-lo funcionar. Doze horas por dia, sem fim de semana, sem vida. É o método frágil pedindo esforço sobre-humano pra compensar a própria fragilidade. Estudando ativamente de verdade, você nem consegue ficar tantas horas a fio, acredite: resolver questão com atenção, corrigir cada alternativa, montar flashcards, isso cansa de um jeito que reler resumo não cansa. Três a cinco horas de estudo ativo e focado já é muito, e rende mais do que dez horas de leitura no piloto automático.

E marque uma coisa como inegociável: **pelo menos um dia de descanso completo por semana.** Não é preguiça, é a peça que torna os anos seguintes possíveis.

Como dividir o tempo entre as disciplinas?

Definida a sua disponibilidade real, você divide o tempo, a princípio, **pelo peso das disciplinas no edital.** Se Constitucional vale 10% da prova e Civil vale 10%, então, de início, 10% do seu tempo vai para Constitucional e 10% para Civil.

Monte essa divisão de forma **semanal ou quinzenal**, passando por todas as disciplinas e alternando entre elas. Não se prenda muito à pertinência temática (juntar Penal com Processo Penal, por exemplo): o que importa é não ficar tempo demais na mesma coisa. Alternar ajuda a fixar.

Conforme você avança, pondere os pesos **pelo seu desempenho**: a matéria em que você vai pior merece mais tempo.

> *peso ajustado = peso no edital × sua taxa de erro*

Esse número não é um multiplicador inventado. Ele é literalmente **quanto de prova você está deixando na mesa** naquela matéria: uma disciplina que vale 20% e na qual você erra metade custa 10 pontos; outra que vale 15% e na qual você erra um quinto custa 3. O tempo vai para onde os pontos estão caindo. Na prática são quatro passos, todos no papel:

1. Ache a sua taxa de erro em cada matéria. É 100% menos a sua taxa de acerto das últimas semanas. Se der abaixo de 15%, use 15% mesmo assim: matéria dominada ainda precisa de manutenção, e sem esse piso ela cairia a zero e apodreceria.

2. Multiplique o peso da matéria no edital pela taxa de erro, em decimal (20% de erro vira 0,20).

3. Some os resultados de todas as matérias.

4. A fatia de cada matéria é o resultado dela dividido por essa soma. Veja Tributário na tabela abaixo: ele deu 10,0, e a soma de todas as matérias deu 28,0. Então 10 ÷ 28 = 0,36, ou seja, **36% do seu tempo**. Se você estuda 20 horas por semana, são 0,36 × 20 = 7,2 horas, o que dá **7 horas e 12 minutos de Tributário na semana**. Repita para cada matéria e o cronograma está pronto.

Matéria	Peso no edital	Seu acerto	Taxa de erro	Peso × erro	Fatia do tempo
Constitucional	20%	80%	0,20	4,0	14%
Administrativo	20%	75%	0,25	5,0	18%
Civil	15%	80%	0,20	3,0	11%
Processo Civil	15%	70%	0,30	4,5	16%
Tributário	20%	50%	0,50	10,0	36%
Ambiental	10%	90%	0,15	1,5	5%
Total	**100%**			**28,0**	**100%**

Numa semana de 20 horas, isso é **7h12 de Tributário contra 2h48 de Constitucional**, sendo que as duas valem os mesmos 20% no edital. A diferença toda veio do seu desempenho. É pra ser assim: enquanto você erra metade de Tributário, cada hora ali compra mais pontos do que qualquer hora gasta em Constitucional, pela matemática do rendimento marginal que você viu há pouco. Ambiental, que você já domina, fica com **1 hora**, o suficiente para não enferrujar. Esse recálculo dá trabalho, então faça **uma vez por mês**, não toda semana.

> *E repare no outro extremo: se você vai igualmente bem em todas as matérias, a conta devolve exatamente a divisão do edital. A fórmula não briga com o edital, ela só reage quando existe uma matéria genuinamente problemática. De todo modo, o combate diário ao ponto fraco não é o relógio por disciplina: é a revisão dos seus erros, que vem logo adiante.*

Como resolver uma questão?

Aqui está o gesto central, e é onde a maioria desperdiça. Você analisa **alternativa por alternativa.** E mesmo que já tenha certeza de que a correta é a "A", você **termina de ler todas as outras e corrige cada uma mentalmente**, tentando recuperar da memória o que há de errado nela. Não é eliminar, é diagnosticar.

Pense assim: **cada questão de cinco alternativas é uma chance de pelo menos cinco aprendizados.** Um é a verdade; os outros quatro são tentativas dos examinadores de te enganar, quase sempre a partir de uma verdade deslocada de contexto, que você vai desvendar no comentário. Quem só marca a "A" e passa pra próxima joga quatro aprendizados fora por questão.

Depois de responder, transforme em flashcard **cada conceito que você não sabia**, ainda que isso dê mais de um cartão por questão. E a regra do bom cartão: **pergunta e resposta pontuais.** Nada de enfiar na resposta um textão cheio de detalhes que caberiam em outros cartões. Um conceito, um card.

E as questões que você errou?

Aqui está o outro pilar da revisão, e a resposta pra uma dúvida que todo concurseiro tem: preciso de um caderno de erros?

A intuição por trás dele está certa. Separar exatamente as questões que você errou é o melhor filtro que existe: é o mapa do que falta, escrito pela própria prova. O problema não é o que o caderno seleciona, é o que você faz com aquilo depois.

Três coisas quebram. Montar o caderno é transcrever, e transcrever cansa sem ensinar nada, que é a ilusão do capítulo 1 outra vez. O uso previsto é reler, que é justamente a revisão passiva que este livro inteiro ataca. E ele não tem data: é uma pilha, não um calendário. Nada te diz quando voltar, então você volta por culpa, cedo demais ou nunca.

Fique com o filtro e jogue fora o caderno. O erro precisa voltar como questão pra resolver, num dia marcado, não como texto pra reler.

Na prática: a cada cinco questões, reserve **uma para revisão** de um tema que você errou nas últimas semanas. Se aparecer uma questão nova sobre o mesmo assunto, melhor ainda, porque aí você testa o conceito e não a memória daquela questão específica. Mas mesmo refazer a que você errou, depois de um intervalo, já vale muito: o que conta é o reencontro espaçado, não o ineditismo.

É o espaçamento do capítulo 6 aplicado às questões: o erro volta na hora em que você está prestes a esquecer. O conceito você revisa no flashcard; o raciocínio, na questão. Nenhum caderno faz as duas coisas.

O tempo restante: revisar e acompanhar

As questões são o corpo do dia. O tempo restante se divide entre resolver os flashcards que nasceram dos seus erros e acompanhar a jurisprudência da sua carreira. Numa rotina de seis dias por semana, fica mais ou menos assim:

Seu tempo por dia	Questões	Flashcards	Jurisprudência
2h	1h25	25 min	10 min
3h	2h05	35 min	20 min
5h	3h30	1h	30 min

A divisão entre as duas últimas colunas não é fixa. No começo, com poucos cartões, sobra tempo pra jurisprudência. Conforme o baralho cresce, os flashcards puxam a maior parte, e está certo assim.

Os flashcards

Seus erros já viraram flashcards. Resolva-os todo dia, seguindo o algoritmo de repetição espaçada que você escolheu, que traz cada cartão no dia em que ele está prestes a ser esquecido.

E guarde esta regra, que vale mais que o relógio: **pare quando o tempo reservado acabar, mesmo que sobrem cartões vencidos.** Não é preguiça, é o que impede a dívida do capítulo 8. Quem tenta zerar o baralho todo dia larga em um mês. Quem cumpre a fatia do dia, cumpre por anos.

Se você é aluno do IterLex, isso roda sozinho. Se não é, a sugestão é o **Brainscape** ou o **Anki**, mas com um cuidado técnico que muda tudo: use o **FSRS** (Free Spaced Repetition Scheduler), não o SM-2 padrão. O Brainscape trabalha com repetição baseada em confiança, com nota de 1 a 5 por cartão, e deixa você dosar a rotina por tempo, sem obrigar a zerar cartões vencidos todo dia. O FSRS do Anki, que é o que o IterLex usa com ajustes próprios, é o mais recomendado, mas confesso: é chato de configurar.

E a jurisprudência?

Jurisprudência recente é o que mais estreia em prova, e o volume não deixa acumular: não é só o informativo desta semana, é o acervo que a sua carreira cobra. Por isso ela entra em fatia diária e curta, não em maratona de fim de semana. Poucas teses por dia, todo dia, fixam mais do que trinta de uma vez, pelo mesmo motivo do capítulo 6.

E leia de forma ativa: resolvendo os julgados em formato de quiz ou questão, em vez de só passar o olho. Lida ativamente, ela gruda. Lida de forma passiva, evapora igual resumo.

Fazer tudo isso na mão é trabalhoso. Calcular a disponibilidade que se sustenta, dividir por peso, recalcular pelo desempenho todo mês, resolver alternativa por alternativa, montar os flashcards certos, revisar cada um no dia exato e ainda dar conta da jurisprudência da semana: é gestão demais pra sobrar cabeça pro que importa, que é aprender.

Foi por isso que construí o IterLex. A plataforma faz essa engenharia por você: a divisão por peso ajustada pelo seu desempenho, as questões na ordem certa, o comentário fundamentado depois de cada resposta, os flashcards nascendo dos seus erros e voltando no dia exato, a jurisprudência da sua carreira virando quiz. Você clica em "Estudar Agora" e só estuda. A ciência deste ebook, rodando no automático.

CAPÍTULO 12

Escrever é outro músculo

A objetiva te dá cinco alternativas. Por pior que seja a questão, o conteúdo está ali na sua frente, e o seu trabalho é reconhecer qual é o certo. A discursiva não te dá nada. Você olha uma folha em branco e precisa produzir o instituto inteiro do zero, com estrutura, fundamento e conclusão, no tempo do relógio.

São dois esforços diferentes de memória, e treinar um não entrega o outro. Recuperar livremente, sem nenhuma pista, é mais exigente do que reconhecer entre opções. É por isso que existe gente que quase gabarita a primeira fase e trava na segunda: não é falta de conteúdo, é falta de treino do gesto.

O erro clássico é deixar a discursiva pra quando passar na objetiva. Aí sobram semanas pra aprender uma habilidade que leva meses. Não precisa ser todo dia, mas precisa existir desde cedo: **uma peça ou uma discursiva por semana já muda o jogo**, e o custo é baixo perto do que evita.

Três regras práticas. Escreva **à mão e cronometrado**, porque a prova é assim e a mão cansa de um jeito que o teclado esconde. Estruture antes de escrever, mesmo que o esqueleto tome cinco minutos: banca dá ponto por item previsto no espelho, e texto bonito sem estrutura perde para texto simples e completo. E não pule a correção.

A correção é onde o aprendizado mora, e vale aqui o mesmo do capítulo 5: feedback específico ensina, feedback genérico não. Compare o que você escreveu com o espelho oficial da banca item por item, e anote não o que ficou "fraco", mas exatamente **qual item previsto você não escreveu**. Isso vira lista, a lista vira treino, e o treino vira ponto na próxima.

CAPÍTULO 13

Uma última coisa

Estudar por questões é desconfortável. Você vai errar mais, vai sentir que sabe menos, vai desejar a falsa segurança de reler o resumo bonito. Esse desconforto é o sinal de que está funcionando. A fluência da leitura passiva é uma mentira gostosa. O esforço da recuperação é a verdade que aparece no dia da prova.

Comece errando. É o caminho mais curto pra lembrar na hora que importa.

Se você quer estudar assim sem virar gestor da própria rotina, é exatamente isso que o IterLex faz por você.

Crie sua conta e faça a primeira sessão hoje.

Criar minha conta

iterlex.com.br

Referências

Bjork, R. A., & Bjork, E. L. (2011). Making things hard on yourself, but in a good way: Creating desirable difficulties to enhance learning. *Psychology and the Real World*.

Butler, A. C., Karpicke, J. D., & Roediger, H. L. (2007). The effect of type and timing of feedback on learning from multiple-choice tests. *Journal of Experimental Psychology: Applied*.

Cepeda, N. J., Pashler, H., Vul, E., Wixted, J. T., & Rohrer, D. (2006). Distributed practice in verbal recall tasks: A review and quantitative synthesis. *Psychological Bulletin*.

Dunlosky, J., Rawson, K. A., Marsh, E. J., Nathan, M. J., & Willingham, D. T. (2013). Improving students' learning with effective learning techniques. *Psychological Science in the Public Interest*.

Ebbinghaus, H. (1885). *Über das Gedächtnis* (Memory: A Contribution to Experimental Psychology).

Hattie, J., & Timperley, H. (2007). The power of feedback. *Review of Educational Research*.

Karpicke, J. D., Butler, A. C., & Roediger, H. L. (2009). Metacognitive strategies in student learning: Do students practise retrieval when they study on their own? *Memory*.

Karpicke, J. D., & Roediger, H. L. (2008). The critical importance of retrieval for learning. *Science*.

Kornell, N., & Bjork, R. A. (2008). Learning concepts and categories: Is spacing the "enemy of induction"? *Psychological Science*.

Kornell, N., Hays, M. J., & Bjork, R. A. (2009). Unsuccessful retrieval attempts enhance subsequent learning. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*.

Metcalfe, J. (2017). Learning from errors. *Annual Review of Psychology*.

Roediger, H. L., & Karpicke, J. D. (2006). Test-enhanced learning: Taking memory tests improves long-term retention. *Psychological Science*.

Rohrer, D., & Taylor, K. (2007). The shuffling of mathematics problems improves learning. *Instructional Science*.

Leitura acessível recomendada: Brown, P. C., Roediger, H. L., & McDaniel, M. A. (2014). Make It Stick: The Science of Successful Learning.